

Morte, telejornalismo e transformações culturais: observações sobre as abordagens do Jornal Nacional nas coberturas de mortes de pessoas famosas

Death, telejournalism and cultural transformations: observations on Jornal Nacional's approaches in the coverage of famous people death

Michele Negrini

Jornalista, mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutora em Comunicação e Informação pela Pontifícia Universidade Católica do RS Universidade Federal de Pelotas, Pelota (RS), Brasil

Silvana Dalmaso

Jornalista, mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria e doutora Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul (RS), Brasil

Resumo

A morte é assunto cotidiano na pauta jornalística. Personalidades famosas e celebridades, quando falecem, geralmente são alvos de grandes coberturas televisivas, que são transmitidas em programas jornalísticos e telejornais, como o Jornal Nacional. Assim, este artigo tem como objetivo

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.355>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p. 141-160, set./dez. 2023

analisar as transformações do Jornal Nacional a partir de mortes de pessoas famosas. Vamos nos deter na morte do líder e vocalista da banda Queen, Freddie Mercury, ocorrida em 1991, do piloto de Fórmula 1 brasileiro Ayrton Senna, que se deu em 1994, do astro do pop Michael Jackson, ocorrida em 2009, e da cantora brasileira Marília Mendonça, em 2021. A base teórica para ancorar as discussões será sobre gênero televisivo como categoria cultural (MITTELL, 2001). A pesquisa tem caráter exploratório e observacional (GIL, 2008).

Palavras-chave: Morte de pessoas famosas. Telejornalismo. Jornal Nacional. Gênero televisivo como categoria cultural.

Abstract

Death is a daily topic in the journalistic agenda. Famous personalities and celebrities, when they died, were the subject of great television coverage, which is broadcast on news programs and television news, such as Jornal Nacional. Therefore, this article aims to analyze the transformations of Jornal Nacional from the death of illustrious characters. The focus is on the death of Freddie Mercury, Queen rock band vocalist, occurred in 1991; Brazilian Formula 1 driver Ayrton Senna, who died in 1994; the pop star Michael Jackson, who died in 2009; and the Brazilian singer Marília Mendonça, in 2021. The theoretical basis to clarify the discussions will be the television genre as a cultural category (MITTELL, 2001). The investigation has an exploratory and observational approach (GIL, 2008).

Keywords: Death of famous personalities. Television journalism. Jornal Nacional. Television genre as a cultural category.

Resumen

La muerte es un tema cotidiano en la agenda periodística. Las personalidades y celebridades famosas, cuando mueren, suelen ser objeto de una gran cobertura televisiva, que se transmite en programas de noticias y noticias de televisión, como el Jornal Nacional. Así, este artículo tiene como objetivo analizar las transformaciones del Jornal Nacional a partir de la muerte de personajes ilustres. Centrémonos en la muerte del líder y cantante principal de la banda Queen, Freddie Mercury, ocurrida en 1991; el piloto brasileño de Fórmula 1 Ayrton Senna, que tuvo lugar en 1994;

la estrella del pop Michael Jackson, que tuvo lugar en 2009; y la cantante brasileña Marília Mendonça, en 2021. La base teórica para anclar las discusiones será sobre el género televisivo con categoría cultural (MITTELL, 2001). La investigación tiene un carácter exploratorio y observacional (GIL, 2008).

Palabras clave: Muerte de personajes famosos. Periodismo televisivo. Periódico nacional. Género televisivo como categoría cultural.

Olhares introdutórios

A morte é um tema que tem grande espaço nos meios de comunicação e que reverbera nos mais variados espaços midiáticos, no jornalismo e no telejornalismo. Referindo-se ao jornalismo impresso, Mouillaud (2002) salienta que diferentes “locais” são atribuídos à morte no jornalismo cotidiano e que há distintos tipos de mortos nas páginas dos jornais, tais como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos de conflitos, guerras e revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

Falando mais especificamente da televisão, Barbosa (2004) salienta que o veículo, nas suas transmissões cotidianas, constrói duas perspectivas relacionadas à morte de pessoas: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A autora enfatiza que são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão; em tais coberturas, os veículos midiáticos destacam a trajetória de vida da pessoa, agora falecida, mostrando-a, geralmente, como exemplar, memorável, com muitos legados. É característica do discurso midiático o enaltecimento das características “positivas” do morto famoso, a ponto de torná-lo um herói diante do público, o que pode causar identificação.

No decorrer do percurso histórico do Jornal Nacional, foram muitos os casos de mortes que tiveram ampla repercussão e comoção nacional, seja o falecimento de pessoas notórias, seja de anônimas. Segundo informações do site Memória Globo, destacam-se: as mortes de Tancredo Neves e Carlos Drummond de Andrade, ocorridas na década de 1980; de Isabella Nardoni e Eloá Pimentel, que aconteceram na década de 2000; das mais de 200 vítimas da tragédia da boate Kiss e a morte do político Eduardo Campos, que se deram na década de 2010; entre outros falecimentos. Quando pessoas famosas

morrem, reserva-se um amplo espaço nos meios de comunicação para repercutir o fato. Rondelli e Herchmann (2000) assinalam que a morte de pessoas famosas tende a ser apresentada com tom emocionado e de forma trágica. Sabemos que o traçado de coberturas de morte é perpassado por diversos fatores, como delineamentos institucionais da emissora, momento histórico e aspectos culturais. E sabemos, também, que as transformações da cultura refletem em ressignificações das formas de retratação da morte nos meios de comunicação e, especialmente, no telejornalismo, nosso foco neste estudo.

Da mesma forma que o JN foi se reconfigurando no decorrer de seu percurso histórico, as coberturas de mortes veiculadas no telejornal foram absorvendo algumas especificidades e mantendo outras. A partir do pressuposto de que o telejornalismo acompanha o momento cultural, social e tecnológico em que se efetiva, este estudo tem como foco a observação das transformações do Jornal Nacional a partir de coberturas de mortes de pessoas famosas. Vamos nos centrar na cobertura do JN de quatro casos: a morte de Freddie Mercury, líder da banda Queen, ocorrida em 1991; a de Ayrton Senna, piloto brasileiro de Fórmula 1, que se deu em 1994; a do astro do pop Michael Jackson, ocorrida em 2009; e a da cantora brasileira Marília Mendonça, em 2021. O objetivo desta análise é perceber e pontuar continuidades e rupturas na cobertura jornalística dessas mortes. Como base teórica deste estudo, vamos considerar o gênero televisivo como categoria cultural (MITTELL, 2001).

Gênero televisivo como categoria cultural

Para pensarmos sobre transformações no telejornalismo a partir de transformações da cultura, com vistas a perceber as continuidades e rupturas nas coberturas de mortes de pessoas famosas no Jornal Nacional, é fundamental que façamos a apresentação de ponderações sobre o gênero televisivo. Mittell (2001) diz que o gênero varia no decorrer do processo histórico; e, ainda que ele se mostre estável, em algum momento histórico-cultural o gênero vai operar de forma distinta e ter variações.

Ao fazer ponderações sobre gênero, Silva (2010) assinala que a associação dos Estudos Culturais com os estudos da linguagem fortalece a perspectiva de gênero como forma cultural sujeita a mudanças de fundo histórico-cultural. Sobre o assunto, Negrini (2019, p. 234) apresenta reflexões de Gomes (2007):

No tocante à discussão sobre gênero, Gomes (2007) pondera que reconhece, juntamente com Raymond Williams, a existência de afinidades, em nível social e histórico, entre algumas formas culturais e as sociedades e os momentos históricos em que estas formas culturais têm efetivação. Em suas aferições,

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.355>

Gomes assinala que reconhece que o gênero se mostra como uma forma de situar a audiência televisiva no tocante a determinado programa, aos assuntos que são nele abordados e à forma como o programa destina os conteúdos ao público. O gênero dá respaldo para que ocorra a compreensão das regularidades e das especificidades que se mostram em produtos configurados historicamente.

Tomando os olhares de Gomes (2007) sobre comunicação e cultura, é válido destacar o reconhecimento da existência de afinidades entre formas culturais e os momentos históricos e sociais em que elas são efetivadas. E as ponderações da pesquisadora são basais para pensarmos sobre as transformações do Jornal Nacional no decorrer de seu processo histórico e, ainda, para adentrarmos na observação de continuidades e rupturas em coberturas de mortes de pessoas famosas no telejornal. Gomes (2007) ressalta que a conformação de um telejornal tem amplas bases no momento, no contexto histórico, social, cultural e tecnológico em que ele se encontra.

De acordo com Itania Gomes (2011, p. 113), Jesus Martín-Barbero é um nome consolidado ao tratar de gênero televisivo:

Jesus Martín-Barbero é um autor fundamental para a construção de uma nova abordagem dos gêneros televisivos, em razão de seu esforço de pensar modelos comunicativos que abarquem a totalidade do processo, por sua concepção de gênero como estratégia de comunicabilidade e por considerar o caráter contingente e transitório do gênero e as distintas temporalidades que ele convoca. Além do mais, ele investiga a televisão, toma o gênero televisivo como uma categoria cultural, adota uma abordagem fortemente historicizada e nos oferece pistas para pensar os vínculos entre comunicação, cultura, política e sociedade.

Como aponta Gomes, Barbero visualiza o gênero televisivo como uma categoria cultural, imerso em uma temporalidade, historicizado. Em relação ao gênero televisivo como categoria cultural, Negrini (2020, p. 27) aponta:

Na mesma linha de pensamento de Martín-Barbero, Mittell (2001), no texto *A Cultural Approach to Television Genre Theory*, argumenta que os gêneros são categorias culturais; e que vão além dos textos da mídia, operando no contexto da indústria, da audiência e das práticas culturais. Desta forma, não é só um programa de televisão o delimitador de seu gênero, mas são os discursos da produção e da recepção que vão situar um programa em um determinado gênero.

O pensamento de Jason Mittell (2001), em *A Cultural Approach to Television Genre Theory*, é voltado a enfatizar que os gêneros operam na relação com a indústria, a audiência e as práticas culturais, o que leva à inferência de que um gênero é constituído com bases nos discursos da produção e da recepção. Mittell (2001) já apontava que a análise de um texto midiático é perpassada pelo processo cultural que o envolve. Gutmann (2014) assinala que os gêneros funcionam em torno de um cenário de disputa, tendo continuidades e rupturas.

Para Gomes (2007), os programas telejornalísticos são uma variação específica na grade televisiva e compõem um gênero, que são programas jornalísticos televisivos. Eles são perpassados por normas do campo jornalístico e do campo televisivo. Gomes ainda aponta que telejornais, programas de entrevistas e documentários se mostram como variações do gênero e podem ser caracterizados como subgêneros.

Essas reflexões sobre gênero televisivo são importantes para embasar nosso pensamento sobre a constituição das formas de narrar mortes de pessoas famosas no subgênero telejornal e, especificamente, no Jornal Nacional.

Perspectivas analíticas e reflexivas

Para refletirmos sobre coberturas de mortes de pessoas famosas no Jornal Nacional a partir de discussões sobre gênero televisivo como categoria cultural, cabe situar que, no decorrer do seu percurso histórico, diversas transformações foram visualizadas no âmbito da tessitura do telejornal e na composição das suas formas de contar os fatos. Como diz Arrebola (2019, p. 181) sobre o JN: “[...], com o passar dos anos, ocorreram alterações estéticas e comportamentais, além de se inserirem equipamentos, tecnologias e recursos que impactam os processos de produção, reportagem e apresentação dos programas”. A autora ainda salienta que os telejornais, no decorrer do tempo, aderiram a estilos próprios de levar ao ar os conteúdos e deixaram de lado características oriundas do rádio.

Dessa forma, os vários grupos empresariais nacionais e internacionais buscaram alternativas para aproximar-se do público que o acompanha, mantendo-o atento. Nessa trajetória transformaram a voz e a presença dos apresentadores, independente das mudanças de cenário e vestuário, mas principalmente nas alterações comportamentais na apresentação dos programas. No entanto, mantiveram os mesmos padrões de apresentação dos últimos 50 anos (p. 182).

Em relação ao cenário do JN, ocorreram diversas mudanças ao longo do tempo, com foco na modernização e dinamização do telejornal. Um ponto significativo foi a introdução de um telão no cenário, possibilitando contato simultâneo com profissionais de outras praças ou da rua. Houve mudanças de apresentadores, e a tecnologia, cada vez mais presente, foi dinamizando cada vez mais as rotinas cotidianas do telejornal. As coberturas passaram a contar com infográficos e simulações, além de se voltarem à aproximação com o público. Da mesma forma que o telejornal foi se modificando e apresentado mudanças consistentes no seu estilo e na forma de contar os fatos, as coberturas de mortes também tiveram transformações.

Considerando as mudanças visualizadas nas formas de o JN levar ao público as notícias e reportagens sobre a morte, e o gênero televisivo como categoria cultural (MITTELL, 2001), este estudo se propõe a observar e apontar as ressignificações do Jornal Nacional no que tange às mortes de pessoas famosas, selecionando alguns casos representativos. O foco é no falecimento de Freddie Mercury, em 1991, no de Ayrton Senna, em 1994, no de Michael Jackson, em 2009, e no de Marília Mendonça, em 2021. A pesquisa tem caráter exploratório¹ e observacional² (GIL, 2008). A seleção de tais casos foi embasada na importância e no reconhecimento dessas personalidades e na repercussão que suas mortes tiveram junto ao público. Freddie Mercury foi um músico com carreira consolidada mundialmente; Ayrton Senna foi um dos maiores pilotos de Fórmula 1 da história do automobilismo; Michael Jackson está no rol dos maiores astros do pop mundial; e Marília Mendonça figurou entre as grandes cantoras e compositoras sertanejas do cenário musical brasileiro. As diferentes épocas em que essas mortes aconteceram são importantes para visualizarmos as ressignificações do telejornal em relação a mudanças em nível histórico e cultural.

A morte de Freddie Mercury

No dia 24 de novembro de 1991, morria em Londres, na Inglaterra, o líder e vocalista da banda Queen, Freddie Mercury. O mundo do rock ficava órfão de um grande ídolo musical. Sobre esse falecimento, devido à dificuldade de acesso aos dados do JN, vamos apresentar uma breve reflexão sobre uma reportagem do telejornal de 25 de novembro de 1991³, que foi acessada na plataforma YouTube.

Em relação à constituição discursiva na reportagem que estamos analisando, ela é introduzida por uma cabeça⁴ de William Bonner: “Depois de anunciar que estava com AIDS, o líder do grupo Queen deixa

¹ Gil (2008, p. 27) caracteriza pesquisa exploratória: “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas”.

² Sobre o método observacional, Gil (2008, p. 16) aponta: “O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Por outro lado, pode ser considerado como o mais primitivo, e conseqüentemente o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais. Tanto é que em Psicologia os procedimentos de observação são frequentemente estudados como próximos aos procedimentos experimentais. Nestes casos, o método observacional difere do experimental em apenas um aspecto: nos experimentos o cientista toma providências para que alguma coisa ocorra, a fim de observar o que se segue, ao passo que no estudo por observação apenas observa algo que acontece ou já aconteceu”.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w8tCRxykKpc>. Acesso em: 30 ago. 2017.

⁴ De acordo com o Mini-Glossário de telejornalismo do site Casa dos Focas, a cabeça é um texto lido pelo apresentador para introduzir uma reportagem.

uma das maiores fortunas da música e milhares de fãs por todo o mundo”. A cabeça já demonstra a demarcação da importância do artista falecido para o cenário musical e para o cenário do rock. E enfoca a questão de que o cantor tinha AIDS – doença que começou a se espalhar na década de 1980, cercada de muita desinformação e sem um tratamento efetivo. No contexto histórico do JN na época da morte do líder do Queen, na década de 1990, a AIDS ainda era um assunto considerado polêmico. Uma reportagem da Revista Superinteressante sobre os 25 anos da AIDS salienta que o fato de a doença ter a relação sexual como uma de suas formas de transmissão fez com que o discurso do sexo seguro se fortalecesse.

A matéria do JN, de Pedro Bial, começa com a apresentação de homenagens feitas ao cantor: “Uvas, flores, panetone e lágrimas. Presentes de despedida dos fãs na porta da mansão onde Freddie Mercury morreu ontem à noite ao lado do pai e da mãe”. A demonstração das homenagens evidencia o fato de o cantor ser benquisto entre o público e ser destaque no cenário musical. Na passagem⁵ da reportagem, Pedro Bial destaca que o que o cantor mais desejava era uma relação amorosa estável. A reclusão de Mercury por causa da doença também é enfocada. A matéria jornalística explora o cenário musical – os offs⁶ de Bial são intercalados por partes de videoclipes da banda Queen – e a emotividade. Neste ponto, há a evidenciação de disputas entre o discurso jornalístico de referência e elementos que acionam a emoção na constituição do subgênero telejornal. E essa disputa acontece em um contexto histórico do JN em que, segundo Franco (2013), o telejornal adotava um perfil mais investigativo e mais descontraído.

A narrativa de cobertura da morte de Mercury permite algumas observações. No discurso do telejornal sobre a causa da morte do cantor, a discussão sobre a AIDS não foi aprofundada ou devidamente contextualizada. A omissão de aprofundamento sobre o quadro clínico do cantor no discurso do telejornal denota uma opção editorial de não adentrar em um assunto complexo para a sociedade da época. Ao falar da vida amorosa do cantor, a reportagem enfoca o contraponto entre os vários amantes e a solidão relatada por Mercury de forma pública. Bial assinala: “Anunciava para quem quisesse ouvir que teve mais amantes que Elizabeth Taylor e se dizia a pessoa mais solitária do mundo”. E acrescenta: “Para nós, vai ficar aquela imagem do Rock In Rio I, em 85. O Brasil cantou junto com Freddie Mercury *Love of My Life*, amor

⁵ Passagem, de acordo com o site CASA DOS FOCAS, “é quando o repórter aparece na reportagem de TV. A gravação geralmente é feita no local da notícia e traz informações adicionais” (CASA DOS FOCAS, 2013, n. p.).

⁶ Off, segundo o site CASA DOS FOCAS, é “texto gerado pelo repórter” (CASA DOS FOCAS, 2013, n. p.).

da minha vida, um dos sucessos do homem que morreu se queixando de uma vida sem amor”. O texto mostra as nuances na vida do cantor, que, segundo o discurso do telejornal, sonhava com um amor verdadeiro em meio aos amantes e o sentimento de solidão.

Ao falar da imagem do Rock In Rio de 1985, o repórter remete à memória musical do brasileiro e, também, à cultura do rock no Brasil. A reportagem é encerrada com imagens de Mercury cantando *Love of My Life*, um dos clássicos da banda Queen. Na reportagem, elementos hegemônicos do jornalismo televisivo se fazem presentes, como off, sonora⁷ e passagem. Obviamente, o espaço da música se destaca na narrativa, que é conduzida pelos sucessos do Queen. A morte do astro é narrada a partir de um olhar para o seu sucesso musical – o que gerou homenagens e comoção por parte dos fãs – e para a apresentação dos tensionamentos da sua vida amorosa, demonstrada como dotada de frustrações. Freddie Mercury tem sua personalidade e sua imagem colocadas em disputa pela narrativa do JN. Cabe lembrar que Gutmann (2014) diz que os gêneros funcionam em torno de disputas.

A reportagem do JN sobre a morte de Mercury traz como foco condutor da narrativa a demonstração das homenagens ao cantor falecido e do estilo de vida de Mercury. Os traços de alguns pontos importantes e polêmicos de sua conduta foram demarcados. O estilo de vida do cantor fora dos palcos foi ponto condutor da construção de seu “obituário” no Jornal Nacional. O JN tensionou a construção discursiva de Freddie Mercury entre uma grande voz e uma pessoa com vida pessoal polêmica.

A morte de Ayrton Senna

Três anos após a morte do líder do Queen, o mundo perde outra personalidade famosa: o piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna. Apesar de Senna e Mercury pertencerem a áreas de atuação muito distintas – música e esporte –, cabe observar as continuidades e rupturas de um caso em relação ao outro, por estarmos falando de duas pessoas muito prestigiadas a nível mundial, cujas mortes geraram forte comoção entre fãs. É claro que a morte de Senna ganhou mais espaço no Jornal Nacional que a do líder do Queen, pois se trata de uma personalidade brasileira, mais próxima do público do JN. A relevância desse ator social no contexto nacional, o fato de Senna ser brasileiro e ter obtido muitas vitórias no seu esporte foram fatores decisivos para a grande repercussão e amplo espaço que sua morte recebeu no JN.

⁷ Segundo o site CASA DOS FOCAS, sonora é “termo técnico que significa entrevista” (CASA DOS FOCAS, 2013, s/p).

Abordar o acidente e a morte de um piloto de Fórmula 1 com uma carreira destacada é adentrar em um assunto que permeia a relação do brasileiro com o esporte e do brasileiro com a imagem de vitória; é adentrar em um âmbito importante para a cultura brasileira que é o esporte, lembrando que Hall (2016) situa que os sentidos sempre vão mudar de uma cultura à outra. Senna era um piloto com muitas conquistas. Falar da morte dele remete ao falecimento de um símbolo da identidade brasileira.

No dia 1º de maio de 1994, domingo, dia de corrida de Fórmula 1, em Ímola, na Itália, em uma curva da pista da cidade italiana, o piloto brasileiro sofreu um acidente fatal.⁸ Uma cobertura televisiva de um acidente fatal de Fórmula 1, ocorrido em outro país, convoca olhares diversos que vão desde aspectos ligados ao mundo do automobilismo a relações internacionais e a discussões sobre o fim da vida. No dia 2 de maio, dia seguinte ao acidente fatal de Senna, a escalada do JN, proferida por Cid Moreira e por Sergio Chapelin, aborda aspectos relacionados à morte e, também, ao mundo automotivo para dar bases à cobertura da morte no telejornalismo:

“O corpo do piloto chega quarta-feira a São Paulo”;

“O enterro vai ser na quinta de manhã”;

“A justiça italiana interdita o autódromo de San Marino”;

“A namorada de Senna confirma que ele não queria correr em Ímola”;

“A Federação Internacional quer mudar logo o regulamento da Fórmula 1”;

“Nossos repórteres dão as últimas informações ao vivo de Bologna, na Itália”.

No decorrer da edição, o carinho dos fãs é focado, e a caracterização do piloto como alguém de sucesso e como um ídolo nacional é mostrada. A construção discursiva sobre o piloto tem respaldo em seu histórico no meio esportivo. Apesar de a construção da narrativa do JN em relação à cobertura da morte de Senna convocar discursos diversos, que vão se entrecruzar para formação da narrativa sobre a morte, é preponderante a lógica de demonstração de emoções na contextualização do caso e na reiteração das virtudes do falecido. Em matéria do repórter Cesar Tralli, a caracterização de Senna como uma pessoa boa é enfocada em off que resgata o personagem Senninha: “Os funcionários das seis empresas do piloto divulgaram nota afirmando que os ideais de Senna jamais vão morrer. Em especial um projeto: Senninha,

⁸ Da mesma forma que no caso de Freddie Mercury, tivemos dificuldades de acesso à cobertura do JN. Desta forma, vamos abordar aspectos de partes de edições que relataram o caso e que foram encontradas na plataforma YouTube.

um herói de história em quadrinho criado para ensinar as crianças coisas que o herói Ayrton acreditava muito, honestidade e caráter”.

No off, os sentidos remetidos ao piloto vão desde um herói do mundo automobilístico até uma pessoa que tinha princípios de honestidade e de caráter e que tinha ligações com o mundo infantil. Na sequência do telejornal, a relação de Senna com o mundo infantil continua sendo abordada. Chapelin, na cabeça de uma matéria, salienta: “No Rio, um grupo de crianças escreveu uma carta para a família de Ayrton Senna. São crianças que estão apenas começando a ler, mas já aprenderam a dor de perder um herói”. Nas palavras do apresentador, a relação de Senna com o público infantil é destacada, e há a caracterização do piloto como um herói. A invocação de que as crianças já tiveram conhecimento da dor de perder um herói tensiona algumas discussões que evocam a ideia de que a morte é um tema distante do mundo infantil na contemporaneidade.

O olhar para as homenagens ao brasileiro que ocorreram internacionalmente foi um ponto bastante demarcado pelo telejornal, com ampla cobertura do JN. Reportagem de Cesar Tralli mostra as comoções na Itália, país onde o piloto morreu, e o carinho e a tristeza dos fãs são ressaltados na repercussão telejornalística. Neste ponto, cabe observar que, mesmo em momentos distintos do Jornal Nacional, as coberturas das mortes de Mercury e de Senna dão destaque às homenagens por parte do público. Desse modo, podemos afirmar que o enfoque à abordagem do carinho dos fãs direcionado aos falecidos é um elemento de continuidade, que se preserva em diferentes coberturas do JN.

O JN, na cobertura ao caso, deu destaque à comoção nacional e até internacional gerada pela morte de um ídolo. Falas emocionadas de colegas de trabalho, amigos, parentes, jornalistas construíram os discursos da narrativa da cobertura, fortemente ancorada na emoção. O choro dos fãs foi enfatizado na cobertura, as homenagens ao piloto foram narradas de forma esmiuçada, e as demonstrações de afeto ao falecido foram enfocadas. A cobertura, em muitos momentos, direcionou-se aos aspectos emocionais. Essa ênfase às emoções é algo que se perpetua no JN, aparecendo em muitos casos de coberturas de mortes.

A construção da imagem de Senna pelo Jornal Nacional destacou as atitudes positivas e as virtudes do atleta, ressaltando seu lado bom, caridoso e talentoso. A morte de alguém tão virtuoso e talentoso ocorrida no dia 1º de maio trouxe uma nova significação da data junto ao público. Além do Dia do Trabalhador, passou a ser o dia do aniversário da morte de Senna.

Cabe também apontar que a caracterização do falecido como alguém cheio de qualidades e virtudes, como ocorreu com a morte de Senna no JN, é um demarcador comum e frequente nas coberturas atuais. A mesma afirmação se pode fazer acerca da exploração das emoções na cobertura. Freddie Mercury teve sua personalidade tensionada; o astro do rock, líder de banda e músico talentoso foi também retratado, de forma enfática, como alguém com vida amorosa conturbada e envolta em uma disputa de sentidos que envolveu a AIDS, casos amorosos, busca por um amor verdadeiro e solidão. Já Senna teve o seu lado bom mais destacado, foi construído discursivamente como um grande ídolo, inclusive entre o público infantil. Obviamente, foi um atleta importantíssimo no cenário automobilístico e com grande retrospecto entre o público brasileiro, além de ter tido uma morte trágica. Desta forma, uma construção discursiva voltada ao enaltecimento do piloto teria mais repercussão entre o público. É possível assinalar que o fato de o JN demarcar os dois personagens de forma diversa está relacionado às relações de poder que se dão no contexto da emissora. É importante lembrar as ponderações de Mittell (2001), que diz que o gênero é perpassado por relações de poder.

A morte de Michael Jackson

Ainda no cenário de grandes coberturas de morte de pessoas conhecidas no espaço do Jornal Nacional, é pertinente convocar a do astro musical Michael Jackson. O falecimento do cantor, em 25 de junho de 2009, teve espaço destacado nos veículos de comunicação. Os principais telejornais do mundo ocuparam sua pauta com o tema por vários dias. O Jornal Nacional deu amplo espaço ao caso e fez uma grande cobertura. Entre os pontos que o telejornal destacou, estiveram a importância do astro para o meio musical, a apresentação de depoimentos de fãs e de artistas sobre o Jackson e a exploração de possíveis causas da morte do ídolo. As edições do telejornal dos dias 25⁹ e 26¹⁰ de junho de 2009 foram observadas.

A cobertura do telejornal da morte de Michael Jackson convoca discursos de ordens distintas, os quais são apresentados no decorrer das edições para dar sentidos à finitude do cantor: alguns se complementam, outros remetem a disputas discursivas.

No dia 25 de junho de 2009, data do falecimento, os então apresentadores, Willian Bonner e Fátima Bernardes, e os correspondentes da Rede Globo nos Estados Unidos – na época, Giuliana Morrone

⁹ Edição do JN do dia da morte de Michael Jackson.

¹⁰ Edição do JN do dia seguinte à morte de Michael Jackson.

e Rodrigo Bocardi – falaram sobre especulações acerca da morte do cantor. A morte, no entanto, só foi confirmada no final da edição. Nesse dia, mesmo não tendo dominado a grade de conteúdo da edição, o cantor foi tema de boa parte do programa, que enfatizou sua importância no cenário musical e junto ao público.

Já no dia seguinte, o principal assunto do JN foi a morte do cantor norte-americano. A edição do telejornal trouxe diversas matérias sobre o ídolo, mostrando principalmente o destaque do artista na cena musical mundial e a adoração por parte do público. Depoimentos de músicos, como os brasileiros Sandra de Sá e Gilberto Gil, e de pessoas comuns, falando sobre as qualidades do cantor, foram exibidos pelo telejornal. Gilberto Gil e Sandra de Sá são nomes de peso musical no Brasil, por isso teriam autoridade para falar sobre um grande ídolo da música. Cabe destacar que as falas enfatizando as qualidades do cantor são pontos importantes para a preservação de seu nome e para o realce de sua condição de ídolo musical. É importante ressaltar que, apesar do destaque a sua qualidade no campo da música, o JN mostrou diversos tensionamentos sobre a personalidade de Michael Jackson, o que não aconteceu na amostra observada do telejornal sobre a morte do piloto Ayrton Senna.

É pertinente apontar, como regularidade nas edições, a ênfase às emoções geradas pela morte do cantor, tanto por parte do público como de pessoas conhecidas no meio artístico. O destaque às emoções é ponto em comum entre as outras coberturas de mortes de personalidades do JN, como a de Senna. E essa lógica aparece em outros momentos, na repercussão de mortes de famosos e não famosos. Assim, o demarcador narrativo ligado às emoções, tanto do público como de pessoas ligadas aos falecidos, perpassa diversos momentos do JN. É importante ressaltar, como já comentado nas reflexões sobre a cobertura da morte do piloto brasileiro, que, em relação à constituição do subgênero telejornal, a excessiva exploração de emoções é um elemento que entra em disputa com as lógicas consideradas hegemônicas no telejornalismo de referência e apresentadas por manuais de redação, que evidenciam a importância de um texto mais “limpo” e com traços de objetividade, conforme aponta Emerim (2010) quando afirma que o texto do jornalismo televisivo deve ser construído de forma objetiva.

Pontos controversos da carreira de Michael Jackson também foram explorados pelo JN nos dois dias observados. As acusações de abuso sexual e de excentricidades foram destacadas, bem como as polêmicas acerca das causas da morte do cantor. Além disso, o telejornal repercutiu o falecimento do artista pelo mundo, mostrando a comoção gerada pela morte de um ídolo. Ao apresentar discursos com

pontos controversos da trajetória de Jackson, o telejornal trabalha em uma perspectiva de apresentação de diversidades de olhares sobre os fatos e informações que envolvem um acontecimento. Tal prática também ocorreu em relação à morte de Freddie Mercury. E foi silenciada em relação ao falecimento de Senna.

Após a observação das duas edições do Jornal Nacional, percebeu-se que a cobertura da morte do cantor Michael Jackson teve marcas da espetacularização (DEBORD, 1997). Apresentou-se de forma clara a ênfase sobre a comoção e a emoção do público em geral, de artistas e de fãs. E houve uma demarcação exagerada de detalhes ligados ao fim da vida do cantor. O Jornal Nacional, ao tratar a morte de Jackson com tanta emotividade, pareceu tratar a finitude humana de forma festiva. Neste ponto, cabe resgatar o pensamento de Ariès (2003) sobre a morte no contexto da Idade Média como uma cerimônia pública. No caso da morte de Michael Jackson, a TV foi o espaço para que a morte alcançasse grandes proporções. Essa forma festiva, espetacularizada, de apresentar a morte pelo telejornal entrou em disputa com a lógica do telejornalismo de referência de apresentar fatos com relevância social de forma mais objetiva.

18 anos separam as mortes de Michael Jackson e Freddie Mercury. Porém, alguns elementos discursivos se assemelham nas duas coberturas, como a demarcação da importância dos ídolos no cenário musical e os tensionamentos sobre os aspectos da vida pessoal. Já na morte de Senna, a personalidade do piloto não foi problematizada. Um ponto em comum na cobertura dessas três personalidades foi a exaltação da emoção do público, a comoção que é gerada pelo fim da vida de alguém que fazia algo importante. Tal ênfase confirma o olhar de Rondelli e Herchmann (2000), apontado no início deste tópico, de que a morte de pessoas famosas é abordada com tom emocionado. Nos três casos, o subgênero telejornal passou por ressignificações, e se fizeram visíveis as disputas entre lógicas da espetacularização/emoção e do telejornalismo de referência. Mais mudanças e significados foram observados no telejornalismo brasileiro anos depois, com a morte de uma importante cantora.

A morte de Marília Mendonça

No dia 5 de novembro de 2021, o avião que levava a cantora Marília Mendonça caiu nas proximidades da rodovia BR 474, cidade de Piedade da Caratinga, no estado de Minas Gerais. O acidente, que vitimou a cantora e mais quatro pessoas, gerou muita comoção entre os mais diversos públicos e foi foco de grande cobertura nos meios de comunicação.

Na edição do JN do dia do falecimento da cantora, que vai ser observada neste estudo, os apresentadores Ana Paula Araújo e Helder Duarte, ainda na escalada, dão destaque ao acontecimento. Após a escalada, a primeira reportagem trouxe as principais informações sobre a tragédia e as mortes da cantora, da sua equipe e da tripulação. Imagens do local do acidente e dos corpos tapados com panos brancos foram mostradas. Na mesma reportagem, recursos gráficos foram usados para explicar a trajetória do avião até sua queda. O uso de recursos gráficos computadorizados nos remete ao fato de que, no atual momento, a tecnologia está amplamente presente nas sociedades e nas rotinas dos telejornais; desse modo, o JN está inserido num contexto tecnológico e cultural que traz ressignificações e aprimoramentos ao telejornalismo.

A matéria também fez remissão a um especialista em gerenciamento de riscos para dar possíveis explicações para o acidente aéreo. A convocação de fontes especializadas é uma prática hegemônica no jornalismo e, no caso de coberturas de tragédias aéreas, pode ser verificada em outros exemplos, como no acidente com o avião que transportava a equipe da Chapecoense de futebol, ocorrido em 2016.

Cabe ressaltar, também, que a apresentadora Ana Paulo Araújo introduziu a entrada ao vivo da repórter Delis Ortiz, que estava em frente ao Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, para dar mais informações sobre o acidente que vitimou a cantora. Além disso, a apresentadora também chama um repórter, que estava no Instituto Médico Legal da cidade de Caratinga, para dar mais informações sobre a perícia e sobre o encaminhamento dos corpos da cantora e dos demais falecidos no acidente. A busca por explicações e causas de acidentes aéreos está sempre presente nas coberturas telejornalísticas; por isso, neste aspecto, há semelhanças entre as coberturas dos acidentes do avião que carregava o time da Chapecoense e do avião que transportava Marília e equipe.

Como nas outras mortes observadas neste estudo, a comoção gerada entre o público foi enfatizada, sendo cabível retomar o olhar de Rondelli e Herchmann (2000), que assinalam que o tom emocionado é um ponto que se faz presente na morte de pessoas famosas. A comoção gerada pela tragédia é introduzida pelo apresentador do JN do dia, Helder Duarte, que declara: “O acidente com Marília Mendonça gerou comoção no Brasil inteiro, mas foi sentido ainda mais em Goiás, onde a cantora nasceu”. O repórter que fez a reportagem enfatiza que a morte da cantora pegou a população de Goiânia de surpresa e que muitas pessoas ficaram abaladas. O depoimento de uma pessoa chorando e comentários emocionados em redes sociais foram mostrados. Na passagem, o repórter salienta que a música de Marília

saiu de Goiás e ganhou o Brasil inteiro. A cobertura mostra as faces da Marília cantora profissional e também da Marília ligada à família, mãe e também filha.

A repercussão da morte da cantora entre os artistas famosos foi outro ponto ressaltado. Na matéria, foi destacado o grande número de seguidores da cantora em redes sociais e a lembrança de que, em 2020, Marília fez a live mais assistida do planeta. Depoimentos de cantores, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, foram convocados para dar destaque à importância da artista no cenário musical brasileiro. O repórter destacou que Marília ajudou a criar um movimento, o *Feminejo*, mostrando a relevância da artista para a afirmação feminina na música sertaneja.

No decorrer da edição do JN, foram mostrados muitos momentos da cantora cantando e fazendo shows, assim como foi feito na cobertura de outros ídolos, como Freddie Mercury e Michael Jackson, citados neste estudo. A exploração musical é um elemento de memória de alguém que se foi, mas também funciona como dispositivo gerador de emoções no público.

Considerações finais

A intenção deste artigo foi tecer alguns apontamentos sobre as mudanças e ressignificações do Jornal Nacional nas coberturas de mortes de pessoas famosas. Para fazer este estudo, de caráter exploratório e observacional (GIL, 2008), foram selecionados alguns casos representativos, que ocorreram em épocas diferentes: as mortes de Freddie Mercury (1991), Ayrton Senna (1994), Michael Jackson (2009) e Marília Mendonça (2021).

Foi possível observar que a comoção e a emoção, mostradas nas coberturas das quatro personalidades, são uma característica comum em coberturas dessa categoria, de modo que o tom emocionado está sempre presente (RONDELLI e HERCHMANN, 2000), o que faz com que este seja um traço hegemônico, permanente, da abordagem de mortes pelo telejornalismo. Na morte dos brasileiros Senna e Marília, que se foram abrupta e tragicamente, este tom emocionado fica evidente na cobertura, que mostra fãs, admiradores e amigos chorando ou dando depoimentos com forte teor emocional. A morte se torna uma cerimônia pública (ARIÈS, 2003), e o telejornalismo produz os efeitos de um luto coletivo, compartilhado por toda uma nação quando os mortos são célebres, dotados de virtudes, talentos e heroísmo, casos de Marília e Senna. Quando há demarcação exagerada de detalhes da vida pessoal das personalidades, entendida como relevante pelo telejornalismo, há o risco de espetacularização (DEBORD,

1997) da notícia e, por consequência, ocorre o afastamento das referências de objetividade, do texto mais “limpo” (EMERIM, 2010), tão importantes para o jornalismo. Isso ocorreu nas coberturas do JN de Freddie Mercury e Michael Jackson, que receberam grandes homenagens e destaques por suas atuações profissionais, porém tiveram suas vidas pessoais polemizadas, expostas ao escrutínio público sem as devidas problematizações ou aprofundamentos. Esses enfoques que evidenciam aspectos de espetacularização e objetividade deixam visíveis as disputas de sentidos em que estão envolvidas as coberturas telejornalísticas de mortes.

É importante destacar que, nas coberturas dessas quatro mortes, foi possível observar o discurso que mostra os falecidos notáveis como memoráveis, exemplares, dotados de atos evidentes e virtuosos (BARBOSA, 2004), uma característica muito comum nessas coberturas. É preciso pontuar que, no caso de Freddie Mercury e Michael Jackson, as virtudes se focaram mais nas suas carreiras profissionais, relacionadas à música, já que a vida pessoal foi mostrada como cheia de “polêmicas”, “frustrações” e comportamentos não tão aceitos socialmente. Com relação a Marília e Senna, as qualidades e virtudes foram estendidas à vida pessoal dos dois.

As diferenças de tratamento, abordagem, enfoque e saliência de cada cobertura afirmam o gênero televisivo como categoria cultural (MITTELL, 2001), pois consideram que o momento social, histórico, cultural e também tecnológico se reflete de variadas formas no telejornalismo. As alterações estéticas e comportamentais do JN no decorrer do tempo impactaram os processos de produção das notícias e reportagens por ele veiculadas (ARREBOLA, 2019).

Assim, o Jornal Nacional, em diferentes épocas, sob diferentes contextos, reproduziu narrativamente a cultura do momento e utilizou-se, claro, dos procedimentos próprios do telejornalismo na cobertura de mortes, construindo discursos que mesclam informação, emoção, testemunhos e comoção social.

Michele Negrini

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2999-0186>

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), Brasil

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do RS

E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.355>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p. 141-160, set./dez. 2023

Silvana DalmasoORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5097-0660>

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul (RS), Brasil

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do RS

E-mail: silvana.dalmaso@gmail.com

Recebido em: 17 de maio de 2023.

Aprovado em: 31 de outubro de 2023.

Referências:

ARREBOLA, Talita. Nada será como antes? as transformações no Jornal Nacional. **Revista Alterjor**, 20(2), 180-211. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/158315>. Acesso em: 01 de abril de 2022.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UESP: São Paulo, 2004.

CASA DOS FOCAS. **Mini-Glossário de telejornalismo**. 2013. Disponível em: <https://www.casadosfocas.com.br/mini-glossario-do-telejornalismo/>. Acesso em 01 de abril de 2022.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EMERIM, Carlida. **O texto na reportagem de televisão**. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: Intercom, 2010

FRANCO, Eda Mariza. A Voz na apresentação do telejornal: um estudo enunciativo do Jornal Nacional da Rede Globo. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.355>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p. 141-160, set./dez. 2023

GLOBOPLAY. **Jornal Nacional** – Edição de **05/11/2021**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10015889/>. Acesso em 3 de abril de 2022.

GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista ECompós**, Porto Alegre, v.18, no. 1, p. 111-130, janeiro – abril de 2007.

GOMES, Itania Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. In: **Famecos** – mídia, cultura e tecnologia, v.18, n.1. Porto Alegre: 2011, p. 111-130.

GUTMANN, Juliana Freire. Quando ruptura é convenção: o programa Gordo a Go-Go como espaço de experiência do talk show. **Contracampo**, v. 31, n. 1, ed. dezembro-março ano 2014. Niterói: Contracampo, 2014. Págs: 60-78.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>. Acesso em: 19 de setembro de 2016.

MITTELL, Jason. **A cultural approach to television genre theory**. In: Cinema Journal, 40, nº 3. Austin: University of Texas Press, 2001, p. 3-24.

MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 2002.

NEGRINI, Michele. Diversas temporalidades nos discursos televisivos sobre a morte: aferições sobre a tragédia da chapecoense no jornal nacional. **Contemporanea** (UFBA. ONLINE), v. 17, p. 229-249, 2019.

NEGRINI, Michele. **A morte no telejornalismo: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020. v. 1. 156p

REVISTA Superinteressante (2016). **25 anos de AIDS**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/25-anos-de-aids/>. Acesso em: 31 de agosto de 2017.

RONDELLI, E.; HERSCHMANN, M. A mídia e a construção do biógrafo: sensacionalismo da morte em cena. In. **Tempo Social**, maio de 2000, São Paulo: USP.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.355>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p. 141-160, set./dez. 2023

SILVA, Fernanda Maurício. A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos. 2010. **Tese** (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

YOUTUBE. **Freddie Mercury - Notícia da morte no (JN Tv Globo) Jornal Nacional 25/11/1991**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w8tCRxykKpc>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

YOUTUBE. **Mensagem de Galvão Bueno para Ayrton Senna 1994**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDqktP2iLfw>. Acesso em: 29 de outubro de 2017.

YOUTUBE. **Plataforma Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 14 de outubro de 2017.

YOUTUBE. **Mensagem de Galvão Bueno para Ayrton Senna 1994**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDqktP2iLfw>. Acesso em: 29 de outubro de 2017.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.